

O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO: NO CARNAVAL, NA PEDAGOGIA, NA FILOSOFIA E NOS ESTUDOS AFRICANOS

Everton Nery Carneiro¹

Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia.

<http://lattes.cnpq.br/1209808259228932>

<https://orcid.org/0000-0002-4240-1246>

E-mail: ecarneiro@uneb.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2-49>

RESUMO: O artigo analisa a distinção entre as dimensões ôntica e ontológica, tomando como referência a filosofia de Martin Heidegger e a sistematização de Marilena Chauí. A dimensão ôntica refere-se aos fenômenos concretos, históricos e observáveis, enquanto a ontológica investiga os sentidos do ser, as condições da existência e os modos pelos quais os sujeitos se constituem no mundo. O autor demonstra que essa diferenciação constitui uma importante ferramenta hermenêutica para compreender diferentes experiências humanas. Para isso, aplica essa perspectiva ao carnaval, à pedagogia, à filosofia e aos estudos africanos. No carnaval, evidencia a diferença entre a festa como evento social e sua capacidade de revelar liberdade, pertencimento e reinvenção da existência. Na pedagogia, distingue as práticas educativas da formação ontológica do sujeito, destacando que toda educação expressa uma concepção de ser humano. Na filosofia, mostra que, além da produção de teorias, permanece a pergunta fundamental pelo sentido do existir. Nos estudos africanos, argumenta que a colonialidade produziu não apenas exploração histórica, mas também uma violência ontológica ao negar a humanidade e a legitimidade epistemológica dos povos africanos. Conclui que compreender a realidade exige articular as dimensões ôntica e ontológica, permitindo interpretações mais profundas da cultura, da educação, da filosofia e das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia. Hermenêutica. Existência.

THE ONTIC AND THE ONTOLOGICAL: IN CARNIVAL, PEDAGOGY, PHILOSOPHY, AND AFRICAN STUDIES

ABSTRACT: This article analyzes the distinction between the ontic and ontological dimensions, drawing upon the philosophy of Martin Heidegger and the systematization

¹ Departamento de Educação do Campus I - Colegiado de Filosofia. Pós-doutor em Educação (UFC); Pós-doutor em Crítica Cultural (UNEB); Doutor e Mestre em Teologia (EST); Especialização: Educação, Desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento); Ética, Educação e Teologia (EST); Graduação: Geografia (UEFS); Filosofia (UNIPLANA); Teologia (Faculdade Batista Brasileira) e Pedagogia (Centro Universitário Cidade Verde). Líder do GPEARA (Grupo de Pesquisa em Estudos Africanos e Representações da África). Coordenador do Curso de Filosofia na DEDC I – Uneb/Salvador. Membro do GEPERCS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde); Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos e Representações da África. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (UNEB – Campus I), onde exerce a função de coordenador da área III; Coordenador do CEPICR (Centro de Estudos e Pesquisas Internacional em Culturas e Religiões). Autor dos livros: "Mitologia Grega e Bíblica - Narrativas de transgressão"; "Filosofia, Teologia e Poesia"; "Ética e Hermenêutica"; "Sobre, Entre e Para"; "Ensino religioso: política, diversidade, fenômeno religioso e práticas pedagógicas"; "Pílulas Freirianas". "Poesia e Filosofia". "O Céu como uma comunidade sem classes".

provided by Marilena Chauí. The ontic dimension refers to concrete, historical, and observable phenomena, whereas the ontological dimension investigates the meanings of being, the conditions of existence, and the ways in which subjects constitute themselves in the world. The author demonstrates that this differentiation serves as a vital hermeneutic tool for understanding diverse human experiences. To this end, the perspective is applied to Carnival, pedagogy, philosophy, and African studies. Regarding Carnival, the article highlights the distinction between the festival as a social event and its capacity to reveal freedom, a sense of belonging, and the reinvention of existence. In pedagogy, it distinguishes educational practices from the ontological formation of the subject, emphasizing that all education embodies a specific conception of the human being. In philosophy, it shows that, beyond the mere production of theories, the fundamental question regarding the meaning of existence remains central. In African studies, it argues that coloniality resulted not only in historical exploitation but also in ontological violence by denying the humanity and epistemological legitimacy of African peoples. The article concludes that understanding reality requires articulating both the ontic and ontological dimensions, thereby enabling deeper interpretations of culture, education, philosophy, and human relations.

KEYWORDS: Ontology. Hermeneutics. Existence.

INTRODUÇÃO

A distinção entre o ôntico e o ontológico constitui uma das contribuições mais fecundas da filosofia contemporânea para a compreensão da realidade. Embora sua formulação tenha adquirido especial relevância na obra de Martin Heidegger, essa diferenciação remete a uma questão filosófica muito mais antiga: a necessidade de distinguir aquilo que existe concretamente da investigação acerca do sentido de o próprio existir. Em outras palavras, enquanto o ôntico dirige o olhar para os entes em sua materialidade, historicidade e singularidade, o ontológico desloca a reflexão para as condições de possibilidade do ser, interrogando os modos pelos quais os entes se manifestam, adquirem sentido e constituem formas de existência.

Nas ciências humanas, entretanto, essa distinção nem sempre é explorada em toda a sua potência hermenêutica. Com frequência, as análises permanecem restritas ao plano dos fenômenos observáveis, privilegiando descrições históricas, institucionais ou socioculturais. Embora indispensável, essa perspectiva mostra-se insuficiente quando se pretende

compreender os sentidos mais profundos que atravessam as experiências humanas. Todo fenômeno social, cultural ou educativo não apenas acontece no mundo, mas também revela modos de ser, formas de subjetivação, disputas por reconhecimento e horizontes de existência que ultrapassam sua dimensão empírica.

É nesse contexto que este texto propõe utilizar a distinção entre o ôntico e o ontológico como categoria analítica transversal. Mais do que apresentar uma discussão conceitual, busca-se demonstrar a fecundidade dessa diferenciação para interpretar diferentes campos do conhecimento e da experiência humana. O percurso inicia-se pela fundamentação filosófica da distinção entre essas categorias, dialogando com a tradição ontológica e com a sistematização apresentada por Marilena Chauí (2000), para, em seguida, examinar como essa chave interpretativa ilumina quatro realidades distintas: o carnaval, a pedagogia, a filosofia e os estudos africanos.

A escolha desses campos não é arbitrária. O carnaval representa uma das expressões culturais mais significativas da sociedade brasileira, permitindo compreender como uma manifestação festiva pode revelar estruturas profundas da liberdade, da corporeidade e do pertencimento. A pedagogia evidencia que educar ultrapassa a transmissão de conteúdos, implicando processos de constituição do sujeito e de produção de modos de existir. A filosofia, por sua vez, retorna continuamente à pergunta pelo ser, constituindo o próprio lugar originário da reflexão ontológica. Os estudos africanos, finalmente, oferecem um horizonte particularmente fecundo para essa discussão ao evidenciarem que a colonialidade produziu não apenas formas de exploração econômica e política, mas também processos de negação ontológica da humanidade de povos africanos e afro-diaspóricos.

Ao percorrer esses quatro domínios, pretende-se revelar que a distinção entre o ôntico e o ontológico ultrapassa os limites da metafísica tradicional e se apresenta como um instrumento crítico para compreender a complexidade do humano. Em todos esses campos, coexistem uma dimensão concreta, histórica e empiricamente observável e outra relacionada aos sentidos do existir, às formas de presença no mundo e às condições pelas quais indivíduos e coletividades se constituem como sujeitos. Assim, o texto defende que

uma compreensão mais ampla da realidade exige articular ambas as dimensões, evitando tanto o reducionismo empiricista quanto o abstracionismo metafísico.

Mais do que uma distinção terminológica, o ôntico e o ontológico configuram dois níveis inseparáveis da experiência humana. O primeiro descreve aquilo que acontece; o segundo interroga aquilo que esse acontecer revela sobre o ser. É precisamente nessa tensão entre fenômeno e sentido, entre acontecimento e existência, entre realidade e significação, que se desenvolve a reflexão apresentada nas páginas seguintes.

Após uma breve fundamentação filosófica acerca da distinção entre o ôntico e o ontológico, tomando como referência a tradição ontológica e a sistematização apresentada por Marilena Chauí (2000), o texto procura demonstrar como essa diferenciação pode constituir uma importante chave hermenêutica para a compreensão de diferentes manifestações da experiência humana. Para isso, inicialmente analisa o carnaval, compreendendo-o não apenas como evento histórico, social e cultural, mas também como experiência existencial capaz de revelar dimensões profundas da liberdade, da corporeidade, do pertencimento e da reinvenção simbólica do ser.

Na sequência, a reflexão desloca-se para a pedagogia, evidenciando que educar ultrapassa a dimensão metodológica para constituir modos de existência e processos de formação humana. Em seguida, aborda a filosofia como o espaço privilegiado em que a tensão entre o ôntico e o ontológico se manifesta de forma originária, ao articular a produção histórica do pensamento com a permanente pergunta pelo ser. Por fim, examina os estudos africanos, demonstrando que a colonialidade produziu não apenas formas materiais de dominação, mas também processos de negação ontológica da humanidade dos povos africanos, tornando a recuperação do ser africano uma dimensão indispensável para a descolonização do conhecimento e das representações da África.

O ÔNTICO E O ONTOLÓGICO

A palavra ontologia deriva do participio presente do verbo *einai* (ser), isto é, de *on* (ente) e *onta* (entes), dos quais vêm o substantivo *to on*: o Ser (Abbagnano, 2012).

O filósofo alemão Heidegger (2012) propõe distinguir duas palavras: ôntico e ontológico. Ôntico se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com outros entes. Ontológico se refere ao estudo filosófico dos entes, à investigação dos conceitos que nos permitam conhecer e determinar pelo pensamento em que consistem as modalidades ônticas, quais os métodos adequados para o estudo de cada uma delas, quais as categorias que se aplicam a cada uma delas. Em resumo: ôntico diz respeito aos entes em sua existência própria; ontológico diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento. Como existem diferentes esferas ou regiões ônticas, existirão ontologias regionais que se ocupam com cada uma delas.

Seguindo a sistematização proposta por Marilena Chauí (2000), é possível distinguir cinco grandes estruturas ônticas presentes na experiência humana: os entes materiais naturais, os entes materiais artificiais, os entes ideais, os valores e os entes metafísicos: 1. os entes materiais naturais que chamamos de coisas reais (frutas, árvores, pedras, rios, estrelas, areia, o Sol, a Lua, metais etc.); 2. os entes materiais artificiais a que também chamamos de coisas reais (nossa casa, mesas, cadeiras, automóveis, telefone, computador, lâmpadas, chuveiro, roupas, calçados, pratos, talheres etc.); 3. os entes ideais, isto é, aqueles que não são coisas materiais, mas ideias gerais, concebidas pelo pensamento lógico, matemático, científico, filosófico e aos quais damos o nome de idealidades (igualdade, diferença, número, raiz quadrada, círculo, conjunto, classe, função, variável, frequência, animal, vegetal, mineral, físico, psíquico, matéria, energia etc.); 4. os entes que podem ser valorizados positiva ou negativamente e aos quais damos o nome de valores (beleza, feiura, vício, virtude, raro, comum, bom, mau, justo, injusto, difícil, fácil, possível, impossível, verdadeiro, falso, desejável, indesejável etc.); 5. os entes que pertencem a uma realidade diferente daquela a que pertencem as coisas, as idealidades e os valores e aos quais damos o nome de metafísicos (a divindade ou o absoluto; a identidade e a alteridade; o mundo como unidade, a relação e diferenciação de todos os entes ou de todas as estruturas ônticas etc.).

Como passamos da experiência ôntica à investigação ontológica? Quando aquilo

que faz parte de nossa vida cotidiana se torna problemático, estranho, confuso: quando somos surpreendidos pelas coisas e pelas pessoas, porque acontece algo inesperado ou imprevisível; quando desejamos usar certas coisas e não sabemos como lidar com elas; enfim, quando o significado costumeiro das coisas, das ações, dos valores ou das pessoas perde sentido ou se mostra obscuro e confuso, ou quando o que nos foi dito, ensinado e transmitido sobre eles já não nos satisfaz e queremos saber mais e melhor.

Podemos, então, perguntar: O que é isso que chamamos de coisa real (coisas naturais e coisas artificiais ou culturais)? Diremos que uma coisa é chamada real porque pertence a um conjunto de entes que possuem em comum a mesma estrutura ontológica: são entes que existem fora de nós, estão no mundo diante de nós, isto é, são um ser; são entes que existem quer nós os percebamos ou não, quer nós os usemos ou não; estão presentes no mundo, mesmo que não estejam presentes para nós, pois podem estar presentes para todos ou ficar presentes para nós em algum momento, isto é, são uma realidade; são entes que começam a existir e podem desaparecer, mesmo que seu desaparecimento seja muito mais lento do que o nosso, são entes que duram e possuem duração, isto é, são temporais; são entes que se transformam no tempo, são produzidos pela ação de outros e produzem outros, obedecendo a certos princípios, isto é, são causas e efeitos, são causalidades. Ser, realidade, temporalidade e causalidade são conceitos ontológicos, que descrevem a essência dos entes chamados “coisas”.

No caso dos entes ideais, os conceitos ontológicos são bastante diferentes. Em primeiro lugar, tais entes não são coisas reais; este cavalo é uma coisa real, mas a ideia do cavalo não é uma coisa, é um conceito e existe apenas como conceito. Em segundo lugar, não causam uns aos outros, mas são entes que possuem uma definição própria, podendo relacionar-se com outros; a ideia de homem não causa a de cavalo, mas podem relacionar-se quando o historiador, por exemplo, mostra a diferença entre sociedades cujo exército só possui a infantaria e aquelas que inventaram a cavalaria; um círculo não causa um triângulo, mas podemos inscrever triângulos num círculo para demonstrar um teorema ou resolver um problema. São, portanto, entes relacionais, mas não são regidos pelo conceito de causalidade. Em terceiro lugar, não existem do mesmo modo que as coisas, isto

é, não começam a existir, transformam-se e desaparecem, desta forma um triângulo, uma inferência, a ideia de vegetal não nascem nem morrem, são intemporais. Idealidade, relação e intemporalidade são os conceitos ontológicos para os entes ideais.

No caso dos entes que são valores, os conceitos ontológicos principais que os descrevem essencialmente são a qualidade (um valor pode ser negativo ou afirmativo) e a polaridade ou oposição (os valores sempre se apresentam como pares de opostos: bom-mau, belo-feio, justo-injusto, verdadeiro-falso etc.).

Observemos que o sentido das coisas naturais muda com a mudança dos conhecimentos científicos, assim como muda o sentido dos entes ideais (o que os gregos entendiam por número não é o que a matemática moderna entende por número, por exemplo). No caso dos entes reais artificiais, isto é, das coisas produzidas pelo homem com as técnicas e as artes, a mudança não é apenas de sentido, mas das próprias coisas. Entes técnicos ficam obsoletos e caem em desuso quando outros, mais sofisticados, são produzidos. O sentido dos valores também muda nas diferentes sociedades e épocas: o que era inaceitável numa sociedade ou numa época pode tornar-se aceitável e desejável noutra ou vice-versa.

Se considerarmos os entes na perspectiva dos seres humanos, diremos que todos os entes, naturais, artificiais, ideias, valores, metafísicos, são entes culturais e históricos, submetidos ao tempo, à mudança, pois seu sentido, sua essência, muda com a Cultura. No entanto, podemos observar também que as categorias ontológicas (ser, realidade, causalidade, temporalidade, idealidade, intemporalidade, relação, diferença, qualidade, quantidade, polaridade, oposição etc.) permanecem, ainda que mudem seus objetos. Assim, por exemplo, a ciência física pode oferecer uma explicação inteiramente nova para o fenômeno da percepção das cores. Contudo, a existência da luz, da cor, da percepção das coisas coloridas permanece e é a essa permanência que se refere a ontologia. Uma sociedade pode considerar o homossexualismo masculino um valor positivo (como foi o caso da sociedade grega antiga) ou um valor negativo (como na sociedade inglesa vitoriana, do século XIX), mas o ato de valorar positiva ou negativamente alguma ação permanece e é essa permanência que interessa à ontologia.

A opção por abordar as dimensões ôntica e ontológica do carnaval, da pedagogia, da filosofia e dos estudos africanos não decorre de uma simples organização temática, mas de uma escolha epistemológica e hermenêutica. Ao percorrer esses quatro campos, busca-se demonstrar que a distinção entre o ôntico e o ontológico constitui uma chave interpretativa transversal, capaz de iluminar fenômenos aparentemente distintos sob um mesmo horizonte filosófico. Em todos eles, há uma dimensão concreta, histórica e empiricamente observável, constituída por práticas, instituições, discursos, sujeitos e acontecimentos, e uma dimensão mais profunda, relacionada aos modos de ser, às formas de existência, às estruturas de sentido e às condições de possibilidade da experiência humana. Assim, o texto procura evidenciar que nenhuma realidade social ou cultural se esgota em sua materialidade, pois toda prática humana é atravessada por uma determinada compreensão do ser.

A escolha desses quatro campos também possui uma intenção formativa e crítica. O carnaval evidencia como uma manifestação cultural pode revelar dimensões profundas da liberdade, da identidade e do pertencimento; a pedagogia mostra que educar é participar da constituição do ser humano; a filosofia reafirma sua vocação originária de interrogar o sentido do ser; e os estudos africanos evidenciam que a colonialidade não produziu apenas dominação histórica, mas também formas de negação ontológica da humanidade de povos e culturas. Em conjunto, esses exemplos demonstram que pensar ontologicamente não significa abandonar a realidade concreta, mas aprofundá-la, revelando os sentidos, as tensões e as possibilidades que se ocultam sob a superfície dos fenômenos. Desse modo, o percurso proposto convida o leitor a compreender que toda investigação verdadeiramente crítica deve articular o que existe (o plano ôntico) com aquilo que torna esse existir significativo (o plano ontológico), ampliando o horizonte de compreensão da existência humana em suas múltiplas expressões.

NO CARNAVAL

O carnaval pode ser compreendido simultaneamente em sua dimensão ôntica e em sua dimensão ontológica. A diferença entre ambas está no nível da pergunta que fazemos sobre ele.

A dimensão ôntica do carnaval refere-se ao carnaval enquanto fenômeno concreto, histórico, social e culturalmente observável. Aqui o carnaval aparece como ente, acontecimento, prática situada no mundo. Nessa perspectiva, analisamos: os blocos; os trios elétricos; as escolas de samba; os corpos dançando; os circuitos urbanos; o turismo; a economia carnavalesca; os camarotes; as políticas públicas; as fantasias; os conflitos de classe; a ocupação da cidade; as performances de gênero; as músicas; os dados econômicos; as territorialidades culturais.

Ou seja: o carnaval enquanto fato social, histórico, político e cultural. Essa leitura pode ser feita por áreas como: Sociologia, Antropologia, Geografia Humana, História, Economia

Já a dimensão ontológica do carnaval pergunta algo mais profundo: não “o que é o carnaval?” apenas como evento, mas: “o que o carnaval revela sobre o modo de ser humano no mundo?”

Aqui o carnaval deixa de ser apenas festa e torna-se experiência do existir. Ontologicamente, o carnaval pode ser pensado como: suspensão temporária das identidades fixas; ruptura da normalidade cotidiana; explosão do corpo contra as disciplinas sociais; experiência coletiva de pertencimento; travessia entre máscara e verdade; manifestação do desejo; abertura dionisíaca da existência; experiência de transgressão do eu; reinvenção simbólica do mundo.

Nesse horizonte, o carnaval revela dimensões profundas do ser humano: o desejo de ultrapassar limites, a necessidade de comunhão, a tensão entre ordem e excesso, entre norma e liberdade, entre identidade e dissolução.

É exatamente por isso que muitos filósofos poderiam dialogar intensamente com o carnaval: Friedrich Nietzsche veria nele uma irrupção do dionisíaco, uma explosão da vida contra a rigidez apolínea. Mikhail Bakhtin (2010) compreenderia o carnaval como inversão provisória das hierarquias e suspensão das estruturas oficiais. Michel Foucault (2014) poderia interpretá-lo como espaço de deslocamento das tecnologias disciplinares sobre o corpo. Martin Heidegger (2012) talvez percebesse no carnaval um momento em que o ser escapa da cotidianidade impessoal do “se” (*das Man*), permitindo uma experiência mais

originária da presença. Georges Bataille (2014) enxergaria nele o excesso, o desperdício, o êxtase e a ruptura das economias utilitárias da vida.

Assim, poderíamos dizer: o carnaval ôntico é o carnaval que acontece; o carnaval ontológico é o carnaval que revela.

Ou ainda: o ôntico descreve a festa; a ontológica pergunta o que a festa desvela sobre o ser humano. No plano ôntico, vemos corpos fantasiados. No plano ontológico, percebemos a tentativa humana de escapar da prisão cotidiana do eu. No plano ôntico, há música. No plano ontológico, há desejo de transcendência. No plano ôntico, há multidão. No plano ontológico, há busca de fusão, pertencimento e suspensão da solidão.

Talvez por isso o carnaval seja uma das experiências culturais mais profundas da existência brasileira: porque nele o corpo deixa de apenas ocupar a cidade e passa, ainda que por alguns dias, a reinventar o próprio modo de existir no mundo.

Dimensão Ôntica do Carnaval	Dimensão Ontológica do Carnaval
Blocos, escolas de samba e trios elétricos	Experiência do existir coletivo
Fantasia, máscaras e adereços	Suspensão das identidades fixas
Música, dança e performances	Manifestação do desejo humano
Corpos em movimento	Corpo como expressão de liberdade e potência
Ocupação dos espaços urbanos	Habitar a cidade como reinvenção do mundo
Economia carnavalesca e turismo	Crítica ao utilitarismo da existência
Políticas públicas e organização da festa	Relação entre ordem, transgressão e liberdade
Multidões e sociabilidades	Experiência de pertencimento e comunhão
Inversão temporária de papéis sociais	Questionamento das hierarquias e das identidades cristalizadas
Expressões culturais e artísticas	Produção simbólica de sentidos sobre o existir
Territorialidades carnavalescas	Experiência de presença e de abertura ao outro

Dimensão Ôntica do Carnaval

Evento histórico e cultural

Acontecimento festivo

Prática social observável

Patrimônio cultural

Dimensão Ontológica do Carnaval

Revelação de modos de ser humano no mundo

Travessia entre máscara e verdade

Reinvenção simbólica da existência

Afirmação da vida, do excesso e da potência criadora

Esse resumo permite compreender que o carnaval ôntico corresponde àquilo que pode ser descrito, documentado e observado empiricamente: suas instituições, manifestações culturais, impactos econômicos, práticas sociais e organização histórica. Já o carnaval ontológico diz respeito ao que a festa desvela sobre a condição humana: o desejo de liberdade, a suspensão provisória das normas, a reconstrução das identidades, a comunhão entre os sujeitos, a potência criadora do corpo e a busca por formas mais intensas de habitar o mundo.

Em termos sintéticos, pode-se afirmar que o carnaval, em sua dimensão ôntica, é um acontecimento; em sua dimensão ontológica, é uma experiência do ser. Enquanto o primeiro descreve a festa em sua materialidade e historicidade, o segundo revela os sentidos existenciais que ela produz e torna possíveis. É justamente essa dupla dimensão que faz do carnaval não apenas uma manifestação cultural, mas também uma experiência filosófica privilegiada para pensar o ser humano, sua liberdade, seus afetos e sua permanente capacidade de reinventar a própria existência.

NA PEDAGOGIA

A Pedagogia possui simultaneamente uma dimensão ôntica e uma dimensão ontológica. Compreender essa distinção permite perceber que educar não é apenas aplicar métodos ou transmitir conteúdos, mas também lidar com o próprio sentido do existir humano.

A dimensão ôntica da pedagogia refere-se às práticas concretas da educação. É a pedagogia enquanto conjunto de ações, instituições, técnicas, metodologias e processos

observáveis no mundo social. Nesse nível, analisamos: currículo; planejamento; avaliação; didática; metodologias de ensino; gestão escolar; políticas públicas; formação docente; legislação educacional; tecnologias educacionais; organização da sala de aula; práticas inclusivas; índices de aprendizagem; material didático; relação professor-aluno.

Aqui a pedagogia aparece como prática histórica e institucional. Essa dimensão é fundamental porque a educação acontece concretamente: em escolas, universidades, movimentos sociais, territórios indígenas, quilombolas, camponeses, periferias urbanas, espaços religiosos, ambientes digitais. É nesse plano que autores como: Paulo Freire (2021), Dermeval Saviani (2021), José Carlos Libâneo (2013), Moacir Gadotti (2010) discutem métodos, práticas, emancipação, currículo e políticas educacionais.

Porém, existe uma camada mais profunda: a dimensão ontológica da pedagogia. Aqui a pergunta deixa de ser apenas: “como ensinar?” e passa a ser: “o que significa formar um ser humano?”

A ontologia da pedagogia pergunta: o que é o humano? o que significa tornar-se sujeito? qual o sentido da formação? o que é existir em processo educativo? como o ser humano se constrói no mundo? que tipo de existência a educação produz?

Nesse horizonte, a pedagogia deixa de ser mera técnica e torna-se experiência de constituição do ser. A educação não apenas transmite conhecimento: ela produz subjetividades, modos de existência, formas de sentir, desejar, interpretar, habitar o mundo.

É exatamente por isso que toda pedagogia carrega uma ontologia implícita. Uma pedagogia autoritária produz determinado modo de ser: submisso, silencioso, disciplinado. Uma pedagogia emancipadora produz outro: crítico, dialógico, criativo, capaz de reinvenção. Nesse sentido, a pedagogia participa diretamente da construção do ser-no-mundo.

Martin Heidegger (2012) ajuda a compreender que o ser humano não é um objeto pronto, mas um ser em abertura, em possibilidade. Assim, educar não seria “preencher” alguém, mas abrir possibilidades de existência. Paulo Freire (2023) aproxima-se disso quando afirma que a educação é prática de liberdade. Ontologicamente, isso significa que o humano é entendido como ser inacabado, histórico e capaz de transformação.

Já Michel Foucault (2014) mostraria que a escola não apenas ensina conteúdos, mas fábrica sujeitos por meio de dispositivos disciplinares, normas, avaliações e vigilâncias. A pedagogia, então, torna-se também tecnologia de produção do ser.

Podemos resumir assim:

Dimensão Ôntica da Pedagogia Dimensão Ontológica da Pedagogia

Métodos de ensino	Sentido da formação humana
Currículo	Constituição do sujeito
Avaliação	Modos de existir
Gestão escolar	Experiência do ser
Técnicas pedagógicas	Abertura de possibilidades humanas
Instituições educativas	Produção de subjetividade

Exemplo: Uma prova escolar é um fenômeno ôntico. Mas a forma como ela produz medo, reconhecimento, exclusão ou pertencimento já toca a dimensão ontológica.

Outro exemplo: O currículo é ôntico. A visão de ser humano que o currículo pressupõe é ontológica.

Por isso, toda pedagogia é mais do que um método: ela é uma aposta sobre o humano. No fundo, a grande questão ontológica da pedagogia talvez seja esta: “que tipo de ser humano estamos ajudando a emergir quando educamos?”

NA FILOSOFIA

A Filosofia talvez seja uma das áreas em que a distinção entre dimensão ôntica e dimensão ontológica se torna mais evidente e, ao mesmo tempo, mais complexa. Isso porque a própria filosofia nasceu da pergunta pelo ser, mas frequentemente também se ocupa dos entes concretos do mundo histórico.

A dimensão ôntica da filosofia refere-se às suas manifestações concretas, históricas e institucionais. Aqui a filosofia aparece como prática humana situada no tempo e no espaço.

Nesse plano, podemos falar: das escolas filosóficas; dos sistemas de pensamento; dos livros; das universidades; dos filósofos; das correntes epistemológicas; dos debates éticos; das teorias políticas; das metodologias argumentativas; das aulas de filosofia; dos currículos; das tradições intelectuais; dos conceitos produzidos historicamente.

Assim, quando estudamos: o pensamento de Platão, a ética de Aristóteles, a crítica de Karl Marx, a genealogia de Michel Foucault (2010), ou o existencialismo de Jean-Paul Sartre (2015), estamos lidando com a filosofia em sua dimensão ôntica: a filosofia enquanto produção concreta de pensamento.

Nessa perspectiva, a filosofia pode ser analisada: sociologicamente; historicamente; politicamente; pedagogicamente; institucionalmente. Mas existe algo mais profundo: a dimensão ontológica da filosofia. Aqui a filosofia deixa de ser apenas um conjunto de teorias e passa a ser a própria abertura radical da pergunta pelo ser. A ontologia da filosofia não pergunta apenas: “o que os filósofos disseram?” mas: “o que significa existir?” “o que significa ser?” “por que há ser e não o nada?” “como o humano habita o mundo?” “como o ser se desvela?”

Nesse nível, a filosofia não é apenas disciplina acadêmica. Ela torna-se experiência originária de espanto diante da existência. É por isso que Martin Heidegger (2012) dizia que a questão fundamental da filosofia é a questão do ser. Para ele, a tradição ocidental muitas vezes reduziu a filosofia ao estudo dos entes, esquecendo-se do próprio ser.

A dimensão ontológica da filosofia aparece quando: o humano interroga sua própria finitude; o sujeito percebe o vazio do cotidiano; o ser pergunta por si mesmo; a existência torna-se problema; o mundo deixa de parecer óbvio. Nesse sentido, a filosofia é menos um acúmulo de respostas e mais uma abertura permanente da existência.

Socrates já tocava essa dimensão ao afirmar que “uma vida não examinada não merece ser vivida”. Aqui a filosofia não é conteúdo, mas modo de existir. Friedrich Nietzsche transforma a filosofia em martelo contra ídolos metafísicos, fazendo dela uma

experiência de criação de valores e afirmação da vida. Jean-Paul Sartre (2015) entende a existência humana como liberdade radical, de modo que filosofar é confrontar a angústia de existir. Emmanuel Levinas (2008) desloca a ontologia para a ética, mostrando que o rosto do outro interrompe nosso fechamento narcísico do ser.

Podemos resumir assim:

Dimensão Ôntica da Filosofia	Dimensão Ontológica da Filosofia
História da filosofia	Questão do ser
Sistemas filosóficos	Sentido da existência
Textos e autores	Experiência originária do existir
Escolas e correntes	Abertura ao ser
Conceitos históricos	Interrogação radical do mundo
Ensino da filosofia	Transformação do modo de habitar a existência

Exemplo: Ler um livro de filosofia é uma experiência ôntica. Ser atravessado existencialmente por uma questão filosófica é uma experiência ontológica.

Outro exemplo: Ensinar ética em sala é um ato ôntico. Perguntar “como devo existir diante do outro?” é uma questão ontológica.

Talvez a filosofia seja exatamente o lugar onde o ôntico e o ontológico se encontram continuamente: ela nasce no mundo concreto, mas aponta para aquilo que ultrapassa o mero fato. Por isso, a filosofia não é apenas conhecimento. Ela é travessia. Não apenas interpretação do mundo, mas inquietação diante do mistério de existir.

NOS ESTUDOS AFRICANOS

No campo dos Estudos Africanos, a distinção entre dimensão ôntica e dimensão ontológica torna-se profundamente relevante, sobretudo porque a colonialidade operou não

apenas sobre os corpos e territórios africanos, mas também sobre o próprio modo de ser e aparecer da África no mundo.

A dimensão ôntica dos estudos africanos refere-se aos elementos concretos, históricos, culturais, políticos e sociais relacionados ao continente africano e às diásporas africanas.

Nesse plano, investigam-se: sociedades africanas; impérios e reinos africanos; colonialismo; escravidão; movimentos de independência; religiões africanas; línguas; literatura; cinema; música; territorialidades; epistemologias locais; racismo; políticas públicas; representações midiáticas; relações étnico-raciais; oralidades; migrações; experiências afro-diaspóricas.

Aqui a África aparece enquanto realidade histórica concreta. É nesse nível que atuam pesquisas: antropológicas; históricas; sociológicas; geográficas; educacionais; culturais; políticas. Autores como: Cheikh Anta Diop, Kabengele Munanga, Nei Lopes, Lélia Gonzalez trabalham fortemente nessa dimensão ao analisar estruturas históricas, culturais e políticas da experiência africana e afro-diaspórica.

Porém, existe uma camada mais profunda: a dimensão ontológica dos estudos africanos. Aqui a pergunta deixa de ser apenas: “o que aconteceu com a África?” e passa a ser: “como a África foi autorizada ou impedida de aparecer como ser?”

A colonialidade não operou somente pela exploração econômica. Ela também produziu uma violência ontológica: negou humanidade, historicidade, racionalidade, espiritualidade

e centralidade ontológica aos povos africanos. A modernidade colonial construiu a África muitas vezes como: ausência; atraso; selvageria; falta; exterioridade da razão.

Nesse sentido, a questão ontológica dos estudos africanos envolve: a restituição do ser africano; a crítica da desumanização colonial; a recuperação de modos africanos de existir; a reabertura de epistemologias interditas; a afirmação de outras formas de presença no mundo.

Achille Mbembe (2018) mostra que a colonialidade racializou o próprio conceito de humano. Em *Crítica da Razão Negra*, ele demonstra como a modernidade produziu o

“negro” como categoria ontológica de negação. Ou seja: não apenas um sujeito explorado, mas um ser colocado na zona da não-humanidade. Já Frantz Fanon (2008) revela como o colonialismo invade a própria estrutura do existir. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o sujeito negro é lançado numa experiência ontológica de fratura, pois passa a existir sob o olhar racializante do outro colonial.

Nesse horizonte, a ontologia africana não é apenas teoria abstrata. Ela é luta pela restituição da possibilidade de existir plenamente. Paulin Hountondji (2008) critica a forma como a África foi transformada em objeto etnográfico do olhar europeu, defendendo que os africanos sejam sujeitos produtores de filosofia e conhecimento, e não apenas objetos de análise. Mogobe Ramose, ao trabalhar a filosofia Ubuntu, desloca a ontologia ocidental individualista para uma ontologia relacional: “eu sou porque nós somos”. Aqui o ser não é isolamento, mas coexistência.

Podemos resumir assim:

Dimensão Ôntica nos Estudos Africanos Dimensão Ontológica nos Estudos Africanos

História africana	Sentido do ser africano
Cultura e sociedade	Modos africanos de existir
Colonialismo e escravidão	Violência ontológica da colonialidade
Dados sociais e políticos	Restituição da humanidade negada
Representações da África	Condições de aparecimento do ser africano
Racismo estrutural	Produção ontológica da desumanização

Exemplo: Estudar a escravidão atlântica historicamente é uma análise ôntica. Perguntar como a escravidão produziu uma ferida no próprio reconhecimento ontológico do negro é uma análise ontológica.

Outro exemplo: Analisar filmes sobre a África é uma questão ôntica. Perguntar como essas imagens autorizam ou negam humanidade à África é uma questão ontológica.

Por isso, os estudos africanos contemporâneos não buscam apenas corrigir informações históricas equivocadas. Eles também procuram desmontar a arquitetura ontológica da colonialidade.

No fundo, trata-se de recuperar a possibilidade da África não apenas ser estudada, mas aparecer como presença, como voz, como pensamento, como mundo, como horizonte legítimo do humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distinção entre o ôntico e o ontológico revelou-se, ao longo desta reflexão, não apenas como um problema conceitual da Filosofia, mas como uma chave hermenêutica capaz de atravessar múltiplos campos da experiência humana. Pensar o carnaval, a pedagogia, a filosofia e os estudos africanos sob essa perspectiva permitiu compreender que toda realidade humana possui, simultaneamente, uma dimensão concreta e uma profundidade existencial.

O ôntico manifesta-se na materialidade dos fenômenos: instituições, práticas, corpos, discursos, acontecimentos, políticas, territórios e relações sociais. É o plano daquilo que aparece no cotidiano, do que pode ser descrito, observado e historicizado. Contudo, limitar-se ao ôntico seria reduzir a experiência humana à superfície dos fatos.

O ontológico, por sua vez, desloca a pergunta para um horizonte mais radical: o sentido do ser, os modos de existir, as formas de presença no mundo e as condições pelas quais os sujeitos tornam-se humanos, reconhecidos e capazes de habitar simbolicamente a realidade. É nesse nível que emergem as questões da subjetividade, da liberdade, da identidade, da alteridade, da memória e da existência.

No carnaval, percebeu-se que a festa ultrapassa o espetáculo social e torna-se experiência de transgressão, pertencimento e reinvenção do existir. Na pedagogia, compreendeu-se que educar não significa apenas transmitir conteúdos, mas participar da formação ontológica dos sujeitos. Na filosofia, identificou-se que pensar não é somente produzir sistemas conceituais, mas inquietar-se diante do mistério do ser. Já nos estudos

africanos e representações da África, tornou-se evidente que a colonialidade operou também como violência ontológica, negando humanidade e legitimidade epistemológica aos povos africanos e afro-diaspóricos.

Desse modo, refletir sobre o ôntico e o ontológico implica reconhecer que toda prática humana carrega uma visão de mundo e uma concepção de ser humano. Nenhuma educação é neutra. Nenhuma representação é inocente. Nenhuma filosofia é apenas teoria. Nenhuma cultura existe sem produzir sentidos profundos sobre a vida e a existência.

Talvez seja justamente essa a tarefa mais urgente do pensamento contemporâneo: reaprender a olhar para além da superfície dos fenômenos, compreendendo que por trás das estruturas visíveis existem disputas pelo próprio direito de existir, aparecer, falar, sentir e habitar o mundo.

No fundo, o ontológico nos lembra que o ser humano não vive apenas entre objetos, instituições e acontecimentos. Ele vive também entre sentidos, ausências, desejos, memórias e travessias. E talvez filosofar seja exatamente isso: tentar ouvir, no interior do ruído do mundo, aquilo que ainda insiste em perguntar pelo sentido de existir.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 80, p. 149-160, mar. 2008. DOI: 10.4000/rccs.699. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/699>. Acesso em: 26 jun. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOSE, Mogobe B. **A filosofia do ubuntu e ubuntu como uma filosofia**. Tradução de Arnaldo Vasconcellos. Tradução para uso didático do capítulo: RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2026.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2008.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África Negra**. Luanda: Mulemba, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: maio de 2026.